



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUÇO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

29 de Abril de 2006 • Ano LXIII • N.º 1621
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

Conselhos Pedagógicos

A constituição de Conselhos Pedagógicos, em cada Casa do Gaiato, foi notícia. Assim, também nesta Casa do Gaiato de Coimbra, aliás, a primeira a constituí-lo. As notícias, em geral, dão relevo aos aspectos mais primários ou mais visíveis, isto é, fica muito por dizer, às vezes, o essencial.

À volta de uma Casa do Gaiato sempre gravitou uma onda de simpatia social. A originalidade do seu método educativo e a forma magnetizante da pessoa que está na sua origem, o Padre Américo, atraíra, ao longo destas mais de seis décadas, gente de todas as áreas sociais com estupecção, embora tenha sido o povo anónimo quem mais se «enamorou». Não temos dúvida de que a matriz familiar, esse residual que facilmente transparece no espaço humano e relacional de uma Casa do Gaiato, se tornou, desde o princípio, perceptível e sedutor. Toda a gente o capta de forma simpática e atraente. O à-vontade de quem vive no espaço que lhe pertence, por direito próprio, salta à vista

como elemento primário e agregador, num misto de liberdade, responsabilidade e de protecção.

Este ambiente é uma originalidade chocante desde a sua origem, no confronto com outros referenciais educativos. O rapaz é o centro; é o sujeito principal da acção de educar, na qual o acto de educar não acontece sem o seu pleno assentimento. Ele é co-autor do próprio acto educativo.

A vida de uma Casa do Gaiato, a sua originalidade e clivagem que estabelece com as demais instituições congéneres, atraíu, desde sempre, simpatias várias, dedicação e colaboração de todo o tipo de pessoas. Só por desconhecimento alguém poderia dizer da Casa do Gaiato «coisas», como «clausura», e outras, a tocar a raia do obscuro. Assim é que, ao longo de todos estes anos, se movimentaram no interior do próprio método e de que foram compagináveis, adultos competentes e significativos, desde professores universitários, médicos, engenheiros, empresários e, com estima, muitos empregadores. Também nestes

tempos de valorização das ciências humanas, psicólogos e outros agentes do social e da pedagogia.

É deste conjunto de vontades livres e generosas que foram aparecendo para prestar a sua colaboração que se elegeu o que agora se designa Conselho Pedagógico. Trata-se de uma estrutura humana de sustentação. As pessoas que o compõem não vieram «de fora» nem são o resultado de uma nomeação qualquer. São cidadãos de corpo inteiro, activos, que exercem, agora com mais visibilidade aos olhos de todos, Estado e Sociedade, uma acção de voluntariado e de verdadeira cidadania, atenta e permanente, consubstanciada em cada Casa do Gaiato. Portanto, o Conselho Pedagógico, não é uma unidade de intervenção ou de substituição. Trata-se de uma fórmula resultante de uma prática pedagógica de qualidade há muito implementada na Casa do Gaiato e, mantendo a sua originalidade — o rapaz é o centro — se torna, agora, mais abrangente e reconhecida.

Padre João

Tempo pascal

É dos períodos mais longos da Liturgia da Igreja!...

Será para nos envolver e encantar com a esperança da ressurreição e para nos impelir, continuamente, à alegria!? — Com certeza que sim, mas também para nos confirmar que assim «como a Primavera vem depois do Inverno, a alegria virá depois da Cruz». A vida é agarrar, cada um, a sua cruz e nunca a atirar ao chão.

Se Jesus não tivesse morrido na Sua, naturalmente, não gozaríamos uma Páscoa tão gloriosa.

Há dias, vi-me obrigado a mandar embora o Micael, para casa do pai dele — homem sem equilíbrio humano.

Depois das histórias, na comunicação social, levantadas por essa grande senhora(?) do Instituto Nacional de Estatística, em que ele aparecia, coitadinho(!), como uma vítima; nós, como uns carrascos inconscientes, nunca mais ninguém o pôs na ordem.

Continuou a fazer a mesma vida e, mais, tentou praticar actos tão graves que, por si, o põem fora da nossa Casa do Tojal.

Denunciá-lo às autoridades, nunca o farei nem que venha a sofrer. Mantê-lo em Casa, tornou-se insustentável, embora me doesse muito a situação.

A tirania da comunicação social, dominada pelos poderosos que se elegeram e impuseram, a pouco e pouco, num Estado hipocritamente chamado de direito a que os nossos inimigos recorrem para nos

julgar e condenar num processo inquisitório nunca visto na história, arrasta os pobres, a quem servimos, para becos sem saída.

Poderemos ainda ajudar este pobre rapaz a frequentar um curso simples de lavagem de automóveis, mas tudo serão hipóteses pouco prováveis, dada a sua falta de vontade e a nossa incapacidade em o controlar. Não vamos pedir à grande benfeitora(?) e denunciadora do INE, que leve o menino para a sua casa e o encaminhe, nem à comunicação social, a começar pelo diário que lhe dedicou toda a primeira página, que pegue nele e o faça um homem. Não. Não vale a pena. Eles vivem nos seus mundos, explorando habilmente o nosso e desgraçando os infelizes!...

Pela Irmã Elvira soubemos que o Andersen tinha morrido. Este pequeno, na altura de 8 anos, com o irmão mais velho, veio para a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa exactamente por causa das más influências do pai.

Há quatro anos que os fui buscar, a pedido da mãe, a uma exígua habitação, ali, para os lados de Cascais.

Gente semi-africana — o pai gostava do barulho e temia o trabalho.

Havia montado, em casa, uns potentes altifalantes e divertia-se, durante a noite, a incomodar a família com gravações em altos brados, não deixando dormir ninguém.

A mãe separara-se dele e vivia amarguradamente a sorte dos filhos.

Continua na página 4

PADRE AMÉRICO

Páginas Escolhidas

DIZIA, há quinze dias, da *crueldade* desta tarefa de uma segunda escolha, limitativa, a partir de uma primeira tão bem sucedida, tão fecunda. Hoje, segunda-feira de Páscoa, escutando ainda no meu íntimo a melodia belíssima do Precónio Pascal, que não sei cantar, detenho-me no «Ó Félix culpa» (no caso nem culpa é!) que me leva a percorrer, uma vez mais, um elenco importante de escritos de Pai Américo, maravilhado como na primeira..., em todas as vezes que os li. Com ele voltamos às origens, o que nos faz tão bem numa hora em que nós próprios nos aproximamos do fim. A Esperança reacende-se, a certeza confirma-se. Deus ama a pequenez do homem e não lhe falta quando ele a aceita com simplicidade e se não deixa tolher por ela; antes faz dela o motor da acção a que se percebe chamado, porque realmente a energia vem de Quem chama.

«A Obra da Rua nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes» — ouvimos da boca de Pai Américo em uma gravação antiga de que se salvou este excerto. Embora o seu corpo tenha crescido, a sua alma é a mesma, fiel à predilecção divina pelo «pusillus grex», a dimensão do Povo de Deus nas suas horas mais gloriosas, que são as de perseguição e de aparência de que tudo está para acabar — Ele, *Fénix* perpétuamente *renascida* e a renascer!

Curiosamente, ao «pequenino rebanho» cercado por riquezas e poderes do mundo, a mensagem transmitida é breve: «Não tenhais medo». A sua fraqueza natural, depositada nas mãos de Deus, gerida por Ele, vai produzir o imprevisto e tornar-se sede de uma fecundidade inexplicável. Medo, sim, de grandezas que nos deixem cair na ilusão de que o saber e o poder são predicados nossos, de que somos autónomos por natureza, o que acabará corrompendo aquelas mesmas qualidades com que fomos dotados.

Eis um alerta que Pai Américo mandou de Moçambique, quando visitou África em 1952:

«Eu não quero quantias grandes; seria para nós uma desgraça se amanhã tivéssemos ofertas que nos viessem tirar do peito a chapa de mendigo de Cristo. Por isso pedimos e aceitamos as vossas migalhas; e é esta doutrina que anda a correr no seio dos habitantes da Beira. Lourenço Marques e Luanda, terras por onde já passámos, tem sido assim. Ele é a oferta do pequenino comerciante, ele a do pequenino industrial, ele a das crianças que furam os seus mealheiros. Nada, que venha destruir o espírito de pobreza. Nada que nos venha pôr em perigo de corrupção. Porquanto o tempo e a história ensinam que, onde houver muito dinheiro, aquela é inevitável.»

Eis a denúncia do perigo e do medo que racionalmente se lhe segue: a tentação do fácil, o deslumbramento perante a riqueza.

Pai Américo foi um homem possuído pela paixão da *pequenez* que é o tempero e a têmpera que se colhe do Evangelho. Por isso, o sabor da sua vida, dos seus escritos; a verticalidade do seu porte e a audácia das suas obras. Ouvinte devoto do outro Apaixonado maior, S. Paulo, achando que fora tempo perdido a sua vida passada, conta-lhe o verdadeiro começo a partir da sua ordenação Sacerdotal. E então, «ressuscitado com Cristo», dedica a totalidade da «sua afeição às coisas do Alto, onde Cristo se encontra, não às coisas da Terra» e «esconde-se com Cristo em Deus». «Quando Cristo Se manifestar, também ele se manifesta» (cf. Colossenses 3/1-4). E manifestar-se, para ele, só tem sentido se for para manifestar Cristo aos homens. Este desiderato será tanto mais conseguido quanto mais escondido com Cristo se mantiver. De forma que o mistério da sua vida seja revelação aos homens do mistério de Cristo, que permanece «passando no meio deles a fazer o Bem».

A declaração do assentimento a este programa de vida foi do próprio Bispo que lhe conferiu o ser sacerdotal; e vamos lê-la, com a sua graça peculiar, do punho de Pai Américo:

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

QUINTA-FEIRA SANTA — Há muitos anos, na celebração desse dia, em nossa Capela, temos Pobres da nossa Conferência que, depois, jantam connosco no refeitório da Casa.

São presenças, a maior parte, de habitantes do Património dos Pobres da nossa Paróquia: lugares de Santos Ilos, Cadeade, Esmegilde, Vales e Vau.

Alguns deles vieram até nós com dificuldades de saúde.

Esta presença amiga lembra-nos sempre Pai Américo, que deu obrigação para assim fazermos todos os anos, no mesmo dia.

PARTILHA — Assinante 32925, da Guarda, 50 euros.

De Coimbra, assinante 20753, vinte euros «para os Pobres que ajudais. Uma migalhinha. Não gastes dinheiro com agradecimentos, não mereço. Nas vossas orações lembrem-se de mim e dos meus».

Do Porto, «uma pequena participação para as despesas com os nossos irmãos mais necessitados. Contas da farmácia ou outras ao vosso critério, sempre o mais justo, felizmente». Assinante 69788.

Assinante 71292, de Vila Nova de Gaia, 500 euros, em cheque, «que agradeço distribuíam por quem mais precisar. Deus vos pague por todo o

bem que fazeis». E um abraço que retribuimos.

Assinante 32762, de Nazaré, põe contas em ordem n' O GAIATO «e o restante para o que acharem mais premente, pois são tantas as vossas despesas com os Indigentes».

Da Covilhã, cheque de 25 euros, «para abater a conta da farmácia», da assinante 74299.

Outra vez Covilhã, assinante 74098, com 25 euros.

Uma Médica, de Lisboa, assinante 2360, «para os cancerosos referidos n' O GAIATO, pequena lembrança para que possa contribuir, em pequena parte, as suas preocupações».

Minde, assinante 14708, cheque de 150 euros, «ajuda para aquilo que mais necessitarem».

Assinante 76409, de Abrantes, «vinte euros para a conta da farmácia dos mais necessitados, lembrando mãe e seus pais».

Rio de Mouro, 50 euros «para minimizarem os vossos encargos, lembrando o meu saudoso marido», pela mãe de sua Esposa.

Lourdes, de Cacém, «as migalhinhas habituais — 35 euros. Tenho pena de não poder dar mais».

Assinante 33275, do Porto, «com sobras do pagamento d' O GAIATO».

Outra assinante, 4576, de algures.

«Uma assinante de Paço de Arcos, presente com uma fatia», de há muitos anos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

chamou a um Domingo às 4h30 da manhã para irmos à Missa, em vez de às 6h30? Como não tínhamos relógios pessoais...

Até essas pequenas maldades foram perdoadas, mas faziam parte de uma convivência sã que sempre mantivemos.

A atestar tudo o que fica dito, e não só, estiveram muitos dos nossos colegas, com quem foi possível contactar e puderam vir, ao seu funeral, que contou também com a participação, além dos Padre da Obra, menos os de África, como é natural, representações de outra Casas, nomeadamente de Paço de Sousa, com uma fracção da sua «Bandinha» musical, que tocou e cantou a Missa, e, no cemitério, dando «um ar de festa», como dizia Padre Acílio ao ser cantado o Aleluia, dizendo, também, que «esta mulher não é santa, mas terá lugar no Céu e as pessoas que ocorreram à trasladação da Irmã Lúcia, devam fazê-lo, sim, mas para assistir à cerimónia em memória e homenagem da 'nossa' D. Maria da Luz, que muito fez em favor dos mais necessitados, só recebendo em troca o carinho, a amizade e a satisfação do dever cumprido».

Por nós, resta-nos dizer-lhe obrigado por tudo e que a sua alma descanse em paz, que bem o merece.

Manuel dos Santos Machado

Paço de Sousa

SEMANA SANTA E PÁSCOA

— Nos Domingos de Quaresma, ao cair da tarde, fizemos o exercício espiritual da Via-sacra, na nossa Capela.

A Páscoa da Ressurreição do Senhor teve, entre nós, uma preparação próxima. Assim, a 10 de Abril, houve Confissões durante a tarde, com o Padre Lino, Prior beneditino de Singeverga, e o Padre Marcos. É uma alegria a sua presença nesta festa do Perdão! Depois, no dia 11, o Padre Serafim e um Companheiro de Emaús deram-nos o seu testemunho de vida. Na quarta-feira, o Diácono Cunha, da *Voz Portucalense*, transmitiu a sua experiência de encontro com os simples.

A Semana Santa teve início com a bênção dos ramos, no largo da Capela. O tríduo pascal foi celebrado na intimidade com o Senhor: Missa vespertina da Ceia do Senhor, Via-sacra e celebração da Paixão. A Vigília Pascal foi a celebração, eucarística, mais forte, marcada até pela Profissão de Fé, solene, de vários rapazes, com velas acesas, junto ao Altar.

D. MARIA DA LUZ — A 18 de Março, vários rapazes participaram na Missa, em Miranda do Corvo, e no funeral, em Lamas, da Senhora D. Maria da Luz. Foi uma grande mãe, como a nossa Obra bem precisa!

BANDINHA — No dia 2 de Abril, Domingo, a nossa Banda de Música deslocou-se a Rossas, para abrilhantar a festa do Senhor dos Passos. Os instrumentistas ensaiaram para tocar em andamento. Nas terras de Arouca, há muitos amigos e assinantes do nosso Jornal.

HUMBERTO DELGADO — Um neto deste General, Dr. Frederico, está

a preparar uma biografia; por isso, passou pela nossa Casa, porque esta figura pública esteve junto à sepultura de Pai Américo, no cemitério, na campanha de 1958.

VISITANTES — A nossa dependência do povo traduz-se na amizade que muitos amigos nutrem pela nossa Obra. Vários grupos têm-nos visitado, recentemente, por exemplo: Jovens de Folgosa (Maia), Paróquia de Arouca, Jovens de Valongo, Conferência de Fervedo, Escola EB2/3 de S. Rosendo (Santo Tirso), Escola EB2/3 de Paço de Sousa, Escola EB2/3 de Valença, Catequese de S. Tomé de Negrelas (Santo Tirso), Escola Secundária Infante D. Henrique, Escola EB2/3 de Pias (Monção), Escuteiros do Bonfim (Porto), Jovens de Pedroso (Gaia), Juventude Alegria de Maria (Porto), Jovens da Consolata, S. Mamede de Infesta.

Agradecemos o carinho e as ofertas para alimentar a nossa Comunidade. A todos, bem como aos amigos particulares, muito obrigado!

Repórter X

DESPORTO — Não parámos! Mesmo com o nosso balneário em obras, a actividade desportiva não tem descanso. Com a colaboração de todos, lá se vai conseguindo superar a imensa falta que ele nos faz. Desta vez e para variar, recebemos um grupo de amigos que dão pelo nome de Unidos Futebol Clube, muito embora organizados e competindo em campeonatos amadores. Mesmo assim, não conseguiram levar a melhor sobre nós, com golos de «Bolinhas» (2), Ricardinho (1) e Ilídio (1), contra um do «adversário», se fixou o resultado final.

Neste jogo, contámos com a preciosa ajuda do «Caneco» e do «Nelito» que continuam impecáveis para com o Grupo Desportivo, bem como nos bons conselhos que dão aos rapazes. Podíamos ter estado melhor, se não fossem aqueles que aparecem quando não têm mais que fazer para desestabilizar.

Sempre ouvi dizer que quem está de fora «racha lenha», a menos que, seja para incentivar, tudo corra bem e não para criar problemas onde não os há. Com a cabeça quente já eles estão dentro das quatro linhas. Mas, enfim, nós não nos fazemos... e é nos campos de futebol que, muitas vezes, se vê o que as pessoas são e, tantas vezes, tentam disfarçar.

Mas como dos fracos não reza a história, oito dias depois os mesmos atletas receberam, de cara alegre e bem disposta, os homens do Vasco da Gama F. C. (Recarei). Uma equipa de forte capacidade, tanto atlética como a nível de futebol. Tudo muito bem estruturado e experientes na matéria. Gente que vinha na disposição de não deixar ficar os seus créditos por mãos alheias. Não foi por acaso, que estiveram a ganhar por 0-2. Nesta altura, confesso, senti-me um pouco... mas graças à valentia dos nossos rapazes, depois do intervalo, o chá... fez com que eles virassem o resultado com golos de Afílio, Ilídio, «Pretinho» e «Bolinhas».

Os nossos Rapazes são assim: até ao apito final do árbitro, não viram a cara à luta. As forças podem já não ser muitas, como era o caso do «Bolinhas», mas a vontade de ganhar é tanta, que conseguem o quase impossível. São briosos e gostam de honrar

o emblema que trazem no peito! É caso para dizer: quanto mais mexem connosco, mais gostamos de ser quem somos: GAIATOS!

Já na semana seguinte, recebemos a A. J. A. Vila Cova, onde tudo acabou bem, graças ao bom senso dos nossos rapazes. Um jogo duro e com alguns... protestos dos visitantes (em campo), já que para eles, num jogo de futebol, parece valer tudo. Começámos por sofrer o primeiro golo da partida. «Bolinhas» fez o empate e, pouco depois, voltámos a ficar em desvantagem. Rogério que entrou na segunda metade, volta a empatar e, logo a seguir, o Vila Cova restabelece a igualdade. Ao minuto 75, «Bolinhas», de livre, e com mais um golo de pôr o guarda-redes em sentido, fez o 3-3; já muito perto do fim, Rogério fecha a contagem marcando o seu segundo golo e o quarto da nossa equipa.

Iremos, se Deus quiser, a casa deles para Setembro. Não vai ser fácil, mas como estamos habituados a jogos do género, Vila Cova é o destino.

Alberto («Resende»)

Associação de Antigos Gaiatos de Lisboa

Será que esta palavra é a única coisa que não nos conseguimos tirar?

Como têm lido nas notícias, as coisas não estão fáceis. Há um clima de desordem e desautorização, com tudo e com todos. Poderemos dizer que os últimos dois meses têm sido «sem rei nem rock». Os gaiatos de agora se soubessem dar um pouco de valor ao que têm, nada disto se passava..., mas como dar uma chapada à gaiato faz muito mal, é assim, estamos entregues aos bichos.

Desde já peço desculpa pela notícia que saíu n' O GAIATO, errei na data. Não saíu a tempo. Por isso, pede-se a comparação dos antigos gaiatos para reunir no dia 23 de Abril, pelas 10h00, na nossa, ainda, Casa do Gaiato de Lisboa.

A tua participação é importante, mesmo que penses que não. Peço-te que compareças, foi aqui que começámos a nossa vida, uns melhor, outros pior. Fomos entregues, mas teremos que dar a nossa palavra.

Morada: Casa do Gaiato de Lisboa
Rua Padre Adriano, 40
2660-119 Santo Antão do Tojal.

E-mail: a.a.gaiatoslx@sapo.pt
Telf. 219738670 — Fax 219747038.

Luís Miguel Fontes

Setúbal

RETIRO — Alguns rapazes da casa 3 participaram num Retiro. Realizou-se na Arrábida, na casa da praia. Foi orientado pelo Senhor Padre Geraldo. Falámos da Quaresma e sobre a alegria

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Não se esfumaram ainda os ecos sobre o falecimento da «nossa» D. Maria da Luz. Deixámos primeiro que os nossos Padres se expressassem sobre o assunto, mas não ficaríamos de bem com a nossa consciência se não apresentássemos o nosso testemunho sobre a sua perda. Os mais de cinquenta anos ao serviço da Obra e de todos os Gaiatos que passaram pelo Lar de Coimbra, dos quais fizemos parte, não nos permitem que tal aconteça. Já foi traçado parte do seu perfil desde a sua entrada, mas nem tudo foi dito, como é natural, num tão vasto currículo.

Pessoa iletrada, conseguiu, pelo tempo adiante, com a ajuda de alguns de nós, aprender a ler, escrever e a fazer algumas contas, o que lhe permitia, inclusivamente, ir à Missa com o seu missal, ler O GAIATO e alguma correspondência que, por vezes, lhe chegava, respondendo também à sua maneira, a quem entendia, ou em casos mais delicados, continuava a pedir a ajuda que antes já utilizava.

Sempre amiga de todos, preocupada com a vida e a saúde dos rapazes, a quem tratava com todo o desvelo e não raro foram as vezes que visitava assiduamente todos os que por motivo de doença chegavam a estar internados em hospitais. E como tratou os três mais novos «Batatinhas» que pas-

saram pelo Lar — Zeca, Tóto e Manelzito — antes de irem para Miranda do Corvo, na idade da escola? Nunca se esquecia de perguntar por aqueles que pouco ou nunca apareceram nos nossos convívios, ou em simples visitas, qual Mãe preocupada com os seus filhos!...

Os Pobres, que constantemente batiam à porta, também mereciam sempre o seu interesse e a sua atenção, não deixando de expor os casos ao Padre responsável na altura (porque vários passaram em todos estes anos), lamentando, por vezes, com um semblante carregado, a sorte de alguns, mas também não esquecendo a injustiça que lhe parecia existir em relação a outros, que teriam de receber resposta mais negativa.

Pessoa sempre poupada, porque a isso foi habituada em tempos difíceis, passavam-lhe pelas mãos as colchas para as camas, os lençóis, as fronhas, os cortinados e toda a reparação da roupa que usávamos, pois além da restante vida de casa era a sala de costura a sua ocupação. As nossas calças, camisas, meias, etc., só iam para panos de encerar ou lavar o chão, quando não tinham conserto e então éramos intimados a comprar, os que já dependiam do seu trabalho.

Sempre que precisávamos de meias, agulha e linha para fazer bolas de trapos, tínhamos a sua colaboração, mas quando isso ocasionava o partir de um vidro de janela, tínhamos de a ouvir até à colocação do novo, e pagávamos. Lembra-te Alfredo, Formiga e João Hingá, como aos sábados a enganávamos a lavar as camaratas entre e debaixo das camas? E quando ela nos

Dores da Família de fora

«Vou acompanhando a sanha com que, periodicamente, os inimigos da Igreja, movidos por um ódio fundo contra Deus (em que dizem não acreditar), se lançam contra a Obra do Padre Américo, sob o pretexto de pretenderem a perfeição, como se fossem eles os 'amigos dos Pobres e dos desfavorecidos', e os Padres da Rua 'uns quaisquer', talvez com boa intenção (?), mas 'ignorantes' nas ciências da assistência, e 'não muito atentos' ao 'mal' que, na opinião que querem propalar, 'grassa' nas Casas do Gaiato.

Nunca lhes terá passado pela cabeça, a eles, os 'mestres', o mistério que é a opção de vida que os Padres da Rua escolheram para si próprios? Não sentem o mistério que é a decisão de irem procurar 'o lixo', 'aqueles que ninguém quer', 'que só dão trabalhos e preocupações', e de irem viver nestes ambientes? É evidente que os Padres da Rua não são masoquistas: uma opção tão estranha evidencia que há 'um tesouro' de que tão empenhadamente estão à procura.

Não creio que lhes escape nem o mistério nem o tesouro. Pelo contrário, é pela evidência do mistério e do tesouro que os 'mestres' querem calar os Padres da Rua e a Obra do Padre Américo: é que estes, e esta, são 'incómodos' e 'gritantes', e são uma acusação para toda a sociedade 'bem', e, partindo do mistério e do tesouro, para quem não quer saber nem ouvir falar do mistério e do tesouro. É por isso que acham que os Padres da Rua e a Obra do Padre Américo têm que ser 'varridos', como se quer 'varrida' a Igreja, até porque eles são 'a Obra mais perigosa' da Igreja. São a Obra que mais cativa a população.

E será que não os comove, aos 'mestres benfeitores da humanidade', as centenas de crianças (que eram 'lixo' e até 'malfeitores') que vivem felizes e contentes, aninhadas nas Casas do Gaiato, elas que nem sabiam o que era um ninho e que, já se tendo excluído da sociedade e rejeitado tudo o que era lei, hoje aceitam a disciplina que a vida em comum, na Casa do Gaiato, exige? Lei que eles só não acei-

tam como defendem, porque a Obra é 'de rapazes, para rapazes, pelos rapazes'.

E aos ditos 'mestres', 'estatistas e estatizantes', não lhe é evidente o bem que é para a sociedade os milhares de homens que passaram pelas Casas do Gaiato e que hoje são cidadãos exemplares, alguns notáveis pelo seu valor? E que só o são, justamente, porque passaram por uma Casa do Gaiato, que os 'recuperou'. Porque eram gente 'perdida'...

É bem certo que mais cego é quem não quer ver.

Comovem-me todos os artigos d'O GAIATO, mas, mais que todos, o do número 1618, o do Padre Acílio. Creio firmemente que nem um cabelo nos cai da cabeça sem que Deus esteja presente. Creio, por isso, que os 'funcionários estatais', que venham conviver com a Obra do Padre Américo, vão ser um 'ganho'. O contacto com a Obra, com os Padres da Rua e com o mistério que os move, irá contagiá-los. E recuperá-los.

Isto mesmo se passou nas prisões do Vietnam, com os guardas que mantinham preso o Bispo: tiveram que os mudar porque iam sendo progressivamente convertidos; e, por fim, deixaram de os mudar, para não serem todos convertidos — ao menos, que fossem só aqueles que lá tinham de estar, e mais nenhuns outros!

Sinto-me corar, por ser eu a dizer-lhe: tenha coragem, Padre Acílio.

Assinante 78776.»

«Foi com grande espanto e indignação que, pela notícia que vem n'O GAIATO do dia 18/03/2006, tive conhecimento que a Obra da Rua foi obrigada a entregar a Casa do Tojal, ao seu anterior proprietário, o Patriarcado de Lisboa, certamente para ser transformada numa qualquer IPSS, que pouco mais será do que um serviço da Segurança Social, que, com os seus 'técnicos', passará a educar como nós sabemos...

Eu, desde pequeno, conheci o Padre Américo, tendo o meu pai acompanhado de perto a fundação da Casa de Miranda do Corvo, onde me lembro de ter ido

pouco depois da sua fundação.

Junto um cheque para a minha assinatura do corrente ano e o restante para a Obra da Rua — não para a Casa do Tojal.

Assinante 16854.»

«As minhas saudações a todos os colaboradores e especialmente aos Padres que fizeram como opção de vida a entrega total ao serviço da Obra da Rua, continuando o sonho do seu Fundador: Pai Américo.

Tem esta o objectivo de mandar um donativo para o Jornal e para o que for necessário. Gostava de enviar mais, mas infelizmente não posso, vivo da minha reforma e minha mulher nem reforma tem.

Não quero terminar sem lhes dizer que estou solidário com a Casa do Gaiato, repudiando todos os ataques que alternadamente são proclamados na Imprensa; esquecem esses 'iluminados' que a Casa do Gaiato segue a máxima de Pai Américo: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Portanto, bem-hajam. A vitória é certa, com Deus e Pai Américo convosco.

Assinante 27119.»

«Durante muito anos enviei a minha oferta para a assinatura d'O GAIATO directamente para Paço de Sousa.

Há uns tempos para cá, passei a mandar para a Casa do Gaiato do Tojal.

Atendendo aos problemas que tem havido por lá, resolvi telefonar para Paço de Sousa e perguntar se não seria melhor passar a enviar novamente a minha contribuição para aí.

Julguei encontrar o Júlio Mendes, mas como não estava naquela hora, a pessoa que me atendeu aprovou a minha ideia e, por isso, aqui vai o meu cheque (que gostaria de ser mais volumoso) junto com o da minha irmã, que normalmente aproveita a minha carta para pôr as 'suas contas em dia'...

Já há muitos anos que não escrevia ao Júlio Mendes e, portanto, não é natural que se lembre do meu nome. No entanto, não posso deixar de o lembrar que o contactei várias vezes por inúmeros motivos.

Desta vez, além de ter a finalidade de pagar as nossas assinaturas, venho desabafar a mágoa que vai no meu coração pelo sucedido na Casa do Tojal.

Recebi hoje o jornal de 18 de Março, e o artigo do Padre Acílio deixou-me arrasada!

Começa dizendo: 'Para afastar a tristeza que hoje me invade...'

Eu, ao ler toda a notícia, não contive as lágrimas e o pulsar mais forte do meu coração: Como é possível?!

Cita o Padre Acílio a expressão do Salmista: 'A alegria do Senhor é a nossa fortaleza'.

Será que o Senhor se alegrou com este acontecimento?

Eu, como pobre pecadora, não consigo alegrar-me nem sentir-me forte... Sofro profundamente

com o que se vai passando neste mundo, para não dizer, em especial, 'neste País'.

Não vou tirar-lhe mais tempo. Gostaria que a minha letra não transmitisse o meu estado de alma, mas parece-me que não consigo. Tenho a mão a tremer e o coração a pulsar muito forte.

Eu e minha irmã não precisamos de recibo para IRC, a não ser que seja necessário para a vossa escrita.

Despeço-me pedindo desculpa desta longa carta, e pelo tempo que lhes ocupei. No entanto, ainda vou pedir um favor: transmita a minha tristeza, mas que admire a sua Fortaleza, pois sem ela nunca a Obra da Rua tinha chegado aonde chegou.

O nosso querido Pai Américo vai consentir nesta injustiça?

Deus sabe, e nós esperamos n'Ele!

Assinante 29884.»

DOCTRINA



As freguesias são núcleos indicados para a forma ordenada de bem servir o Pobre

PRIMEIRAMENTE, há que formar no nosso espírito a noção da verdadeira igualdade perante o esfarrapado que se nos apresenta. Ele é um nosso. Tem o mesmo direito de viver. Este direito é uma continência que se faz ao Pobre. Dá-nos uma grande humilhação interior, vergonha de termos tudo e ele, o nosso irmão, nada. Não há mão que tenha coragem de ir ao fundo do bolso pelo mísero tostão. Eu cá tenho pudor. Fujo dos Pobres nas ruas por muito os amar! Remedí-los, pois, em suas moradas — e esta é a primeira parte da nossa lição.

A segunda parte está na organização. As Freguesias são os núcleos indicados para a forma ordenada de bem servir o Pobre. Paulo de Tarso começou. Quando por lá andava fazia peditórios para as Cristandades que deixava atrás de si. Ora as Paróquias são as Cristandades do nosso tempo. São organismos formados: Confrarias, Irmandades, Associações — eis o corpo. A alma é o Pároco. Este é o primeiro servo. O Povo das nossas aldeias não faz contas ao que dá, quando sabe e vê para o que é. Por meio das Confrarias já organizadas, devia cada uma e todas as Paróquias da nossa terra atender às necessidades materiais dos Indigentes; dos Indigentes da sua freguesia. Está tudo feito. Muitas Irmandades são seculares. Não há aldeia que as não tenha. Na letra dos estatutos pode muito bem subentender-se a cláusula de «dar de comer a quem tem fome», se ali não vier explícita — pois se ela é a chave do Céu...! Para que servem as Confrarias, se não trazem na primeira linha o bem eterno dos seus confrades? Opas são opas!

AS coisas postas com esta simplicidade iriam resolver o problema. Dentro de pouco tempo, o Pobre da freguesia perdia a autoridade de estender a mão fora dela. Educava-se pela justiça que se lhe fazia dentro da sua própria casa. A humilhação, até aqui nossa, por ver o esfarrapado, passaria para ele, se atemasse em pedir nos caminhos aos que se propuseram socorrê-lo dentro de suas casas. No caso do moicano da pedincha, do teimoso vagabundo, esse num instante se liquidava com a «esmola» que merece: «Vá prá sua freguesia!» Os que podem dar, teriam autoridade de falar assim. A organização reclamava estas atitudes. Mas quê?, não se faz assim. Nós gostamos de ver as bichas dos Pobres para fazermos paradas deles nas grandes festas.

ORA a Igreja é uma sociedade de fiéis. Evangelizar os Pobres foi missão do Seu Fundador; logo, missão da Igreja. Mas o Pobre, para ser convenientemente evangelizado, precisa de comer. É, até, pelo estômago, que a doutrina penetra nas almas. Daqui nasce que os chamados inimigos da Igreja nunca o são das Suas Obras. Gostam de ver e só depois é que começam a gostar de ouvir.

CONFRARIAS, Irmandades, Associações, Misericórdias — Obras eminentemente sociais. Obras da Igreja. Código do verdadeiro amor do Próximo, nascido e criado n'Ele — tudo se perdeu! Agora é o Código Administrativo a riscar. Culpa de Quem? É muito mais fácil imputar do que admitir!

D. Amín. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

e o diálogo. O senhor Padre fez-nos perguntas sobre os temas e nós líamos as respostas em plenário. Os rapazes ficaram a saber coisas novas. Todos gostaram do Retiro.

LIONS — Vieram almoçar connosco um grupo de Amigos do Lions Club de Setúbal. Foi um tempo de convívio à volta da mesa, entre os rapazes e estes nossos Amigos. Depois, foram tomar café ao nosso bar, bricaram um bocadinho connosco e foram embora. Eles gostaram de ver algumas caras que ainda não conheciam.

PÁSCOA — Na Vigília Pascal foram dois rapazes baptizados, o Fábio e o Horácio, e também fizeram a Primeira Comunhão. Eles gostaram de ser baptizados e dos padrinhos que escolheram. No fim da Vigília houve

uma boda. Na Semana Santa também fizemos a Via-Sacra, a Adoração da Cruz e a Ceia do Senhor.

DESPORTO — Vieram os antigos gaiatos jogar futebol connosco. Ganhámos por 5-3 e ficámos contentes com a vitória. Foi um jogo bem disputado e bem disciplinado. No final, alguns foram almoçar connosco. Todos gostámos do convívio.

ESCOLA — Começou o terceiro período, e este é muito importante porque decide quem passa e quem reprova de ano. É preciso estudar muito. Para quem não estuda é muito complicado passar de ano. Não passando, fica-se sem férias na Arrábida. No futuro, será mais difícil arranjar trabalho.

Ângelo Pires

Benguela

Doentes da cólera

ESTOU a escrever na tarde do domingo de Páscoa. Sabeis onde está o meu coração, neste momento? No meio da multidão dos Pobres com a doença da cólera. Alguns bairros da cidade e arrabaldes são pasto desta epidemia. Quem me dera lá chegar, hoje mesmo, com o meu corpo, mas não posso, porque estou coxo. Por isso, mando o meu coração.

É dia de Páscoa! A única forma de sermos verdadeiros é continuar a mover as pedras dos sepulcros para que a alegria da Ressurreição seja de todos. Os doentes da cólera, que são multidão, necessitam do nosso apoio. O pedregulho que está na água inquinada que é bebida; o lixo que faz o ambiente degradado, pasto ideal para o nascimento e desenvolvimento de todo o tipo de insectos; as cubatas que guardam as pessoas em situações semelhantes às dos animais; é preciso que seja removido e apareça o sinal da vitória da vida sobre a morte.

Sim, a Ressurreição aconteceu. Agora, resta o Seu cumprimento em todos os cantos da terra. Famílias inteiras jazem sepultadas debaixo da doença da cólera. Todos os dias, centenas de casos novos são detectados. Os centros de acolhimento são limitadíssimos. Os recursos humanos, de igual modo. Da nossa parte, tentamos ajudar as pessoas que mais convivem connosco. Que tenham todos os cuidados possíveis na prevenção. Agora mesmo, os pais aflitos vieram à busca de transporte para levar sua filhinha ao hospital. Não temos outra estrutura preparada. O que temos, damos. O que podemos, fazemos.

Muitas das crianças que não morrem ficam sem os pais. Muitos pais ficam sem os filhos. A Casa do Gaiato pode vir a ser a nova família. Quem dera, nesta hora de emergência, venha ao de cima o valor humano da família alargada! Quem dera apareçam, no lugar do pai ou da mãe que morreram, o tio ou a tia, o primo ou a prima, outro familiar que assumam a responsabi-

lidade de ser a continuação da família natural. A Casa do Gaiato ficaria para os casos extremos. Assim é que está certo!

O heroísmo está escondido no coração das pessoas. Em horas, como estas que estou a descrever, irrompe como força imparável. Estou a pensar no pequenino grupo de jovens Leigos para o Desenvolvimento. Tem posto, ao serviço da causa para a salvação da doença, toda a sua capacidade de intervenção, sem olhar ao tempo e ao esforço pedido. Quem dera houvesse disponibilidade de muita outra gente! Por isso, mais vidas se vão perder, entretanto. O tempo, muito quente e muito húmido, com chuvadas fortes, à mistura, tem dificultado o trabalho de estancamento da doença.

Acabo de receber a notícia animadora de que as mortes estão a diminuir. Quero partilhar convosco, até ao pormenor, muitas vezes, os acontecimentos da nossa vida para vos sentir, também, perto daqueles que fazem parte da nossa história, que é vossa também. Assim faz a boa Amiga Zélia Marques que marcou sua presença.

Continuação do tempo pascal, cheio de paz e alegria comprometida.

Padre Manuel António

Malanje

Recordando

SER pobre é o mais belo sinal de liberdade. E ser livre é o sinal mais claro de felicidade.

Recordo as três velhinhas que foram prostitutas e viviam num terceiro andar, numa casa de Miragaia. Durante dois anos eu as visitava singularmente, subindo devagar as escadas já fatigadas pelo tempo. Era sempre um momento feliz o nosso encontro. A mais nova tinha ao seu cuidado três lindas crianças, filhos de outras prostitutas. Prostitutas nas falas do mundo. Para mim, filhas de Deus, irmãs com as faces bondosas de Cristo sofredor. Imagens vivas do Senhor que ama a todos com igual amor. Já não recordo bem os nomes... Mas era pelos nomes que na pequena salinha comungávamos a feliz alegria de sermos pobres e livres.

● A pobreza alastra como fogo, sobretudo, nos países mais ricos em petróleo e minérios... Porquê? Todos nos interrogamos.

É neles que as fábricas das nações poderosas despejam armas.

É neles que proliferam os campos de refugiados.

Os potentados económicos geram, muitas vezes, a fome e a degradação.

Nas regiões dos grandes lagos: Os grandes senhores ingleses introduziram um peixe — as carpas — que devoraram todos os outros e mataram o ecossistema. Rápido proliferaram fábricas. E logo grandes remessas de filetes para a Europa.

De volta das fábricas, também, rapidamente, cafés, hotéis, discotecas e casas de prostituição.

Padre Telmo

Foram-se os dias felizes dos pescadores que se entregaram a todos os excessos e abandonaram as famílias à fome e ao esquecimento.

Senhor...

*O Teu dia de Páscoa e o meu!
O céu está azul e a manhã cheia de luz!
Uma brisa indelével traz o som do rio e através dos salgueiros vejo o espelho repartido!
Espero o comboio no silêncio nesta manhã maravilhosa!
Rebentam foguetes...
Início das festas Pascais.
Ficarias mais feliz se em vez deles fosse um contentor de leite para os teus Pobres deslocados lá do meu sítio onde a guerra gera morte e fome.
Não sabemos bem se os estrondos em Tua honra se uma expressão indefinida dos nossos sentimentos um pouco à margem do Teu Evangelho...
Chegou o comboio.
Desliza e rompe.
Olho extasiado as margens verdes as campainhas da Primavera!
Estas, sim, ofereço-Tas!
Também, o amarelo torrado das giestas floridas!
É o meu folar fraco dom!,
ao Teu coração Divino!*

Setúbal

Baptizados

DOIS dos nossos rapazes foram baptizados nesta Páscoa. Andam eles na casa dos 17 anos de idade.

Foram momentos grandes de expectativa, alegria e esperança, os que eles viveram nos dias que precederam e em que realizaram o seu baptismo. Se fossem mais novos, não viveriam, certamente, com tanta intensidade a preparação e a recepção do Sacramento.

«Senhor Padre Júlio, estou muito feliz!», repetiu inúmeras vezes o Fábio, um dos que quis ser baptizado.

Da sua terra, convidou algumas pessoas amigas que conheceu quando pequeno, antes de vir para nós. Entre outros, veio a sua primeira professora que periodicamente o visita, e um casal por quem nutre muita estima e que escolheu para padrinhos.

O dom da Fé é uma fonte de alegria!

O outro rapaz que havia pedido a graça do Baptismo, foi o Horácio. Várias vezes o fez, penso que também em anos anteriores. Senti ver nele o apelo que nasce dentro do homem e que chama às alegrias

espirituais, que este mundo não pode dar, antes a ele se destinam para lhe transmitir esperança.

O Horácio escolheu para padrinhos uma sua professora e o marido. Eles lhe retribuíram o convite com entusiasmo, na alegria e simplicidade.

Fiquei animado com as atitudes destes rapazes. No meio da aridez, a Fonte da Vida continua a transmitir a sua seiva aos corações.

Um Retiro

COMO preparação para a Páscoa, foi um grupo de rapazes nossos fazer um Retiro, na nossa Casa do Férias.

Quando antes os questionava sobre se queriam participar, davam respostas nos dois sentidos opostos. Quando um dizia sim, os que ouviam tendiam a dar o seu sim. Quando um dizia não, os próximos respondiam também com um não.

Não que eles tenham as preocupações daqueles que o Senhor convidou para trabalhar na Sua Vinha. Embora não sejam as mesmas, têm no entanto a mesma motivação: a resistência às obras do espírito.

O ambiente adverso, bebido na escola e que chega a casa pela televisão, não deixa que a semente da Fé germine. Assim, as plantas vão ficando raquíticas sem darem fruto que sirva de alimento.

Padre Júlio

Tempo pascal

Continuação da página 1

Por intermédio da Religiosa entregou-nos os pequenos em carta que conservo no processo de cada um.

Pela observação médica, em nossa Casa, verificou-se que o Andersen sofria de insuficiência cardíaca. Estava a ser vigiado periodicamente e medicado.

Quando a Comunicação Social se atirou a nós, com o endiabrado relatório, e um dos canais da TV, pela voz da grande locutora(!?) discursou inflamada e convictamente contra as Casas do Gaiato,

o pai pôs-se no comboio e, sem ordem de ninguém, levou os filhos.

Os dois eram o sustentáculo da nossa bandinha. Já com dois anos de música, o Marco tocava bombo e o Andersen caixa. De um momento para o outro, ficámos desamparados na Banda e com a alma ferida de impotência. Não é fácil, mesmo com bom ouvido e abundância de ritmos naturais, pegar nestes instrumentos e marcar a cadência musical.

Não podemos confirmar o tempo. Mas soubemos que, pouco antes da morte, o pai os pôs fora

de casa, dois dias e duas noites seguidas.

O Andersen morreu aos 11 anos!...

Quem se poderá opor, sem dinheiro e sem poder, a esta moderna Inquisição que queima impunemente a honra e a vida das pessoas e motiva os mais ignorantes e desprevenidos aos piores disparates, como foi o caso?

Pelo que sabemos, ninguém pediu contas àquela televisão.

O que ela disse e afirmou é dogma.

Assim, este poder discricionário continua a impor-se e a pregar-nos também na cruz!

A Verdade e o Bem poderão demorar tempo, mas vencerão.

A Páscoa traz-nos essa certeza.

Padre Acílio

PADRE AMÉRICO

Páginas Escolhidas

Continuação da página 1

«A Sopa dos Pobres, criação do Senhor D. Manuel Luís Coelho da Silva, foi inaugurada por ele em o dia 19 de Março de 1932. Nessa data andava eu enfermo e, como não pudesse trabalhar, roguei ao então meu prelado que me deixasse ao menos visitar Pobres e cuidar da sopa deles, serviço este compatível com as minhas dores de cabeça de então.

Dentro de breve tempo e em virtude dos apelos aqui feitos, começa a ser espantosa a lista semanal das ofertas vindas de todo o mundo e publicadas no Correio de Coimbra — da Europa, da África, da América, de todas as províncias do País. Por avião, de vapor, por comboio, por camioneta, de automóvel, em carro de bois, em mão própria. Nas ruas, nas estradas, nos eléctricos, nas igrejas, nos comboios, nos hospitais, nas casas. Roupas, calçado, livros, selos. Patos, perus, cabritos, coelhos, galinhas. Azeite, batatas, feijão, doces, farinha, mel, mercearia. E dinheiro; muito dinheiro, muitíssimo dinheiro.

O meu prelado chama-me a contas e pergunta-me por elas. Eu digo-lhe que não as tenho nem as faço. Resposta pronta e textual: A sua vida é um mistifório. E nunca mais me interrogou.

Eis o bocadinho de história.»

Eu acrescentaria: um documento fundamental para a história da Obra da Rua.

Padre Carlos